



Marshall McLuhan está fazendo falta nos debates sobre a passagem do livro em papel para o livro em formato digital. Pode ser desatenção minha, mas no que tenho lido pouco se fala dele. Isso me parece uma flagrante injustiça, pois poucos escritores contribuíram mais para os debates sobre a interação entre as tecnologias e as transformações dos ambientes humanos. Uma razão disso pode ser o fato de McLuhan ter falecido em 1980. Ele não conheceu o universo digital tal como se apresenta hoje. Suas referências principais eram os meios de comunicação de massa convencionais, em especial o rádio e a televisão. Nem por isso ele deixou de pensar nas possibilidades e consequências que poderiam advir da difusão dos computadores. Ainda em 1964 ele especulava sobre o computador como o “advento de uma condição pentecostal de compreensão e unidade universais”. Não é pouco, considerando o ano em que o livro foi publicado.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> A primeira edição do livro mais importante de McLuhan (1911-1980) – *Understanding Media: the extensions of man* foi publicada em 1964. Antes disso ele havia publicado, em 1951, *The Mechanical Bride: folklore of industrial man* e, em 1962, *The Gutenberg Galaxy, the making of typographic man*. Sua popularidade foi tanta que teve uma participação no filme “Noivo neurótico, noiva nervosa” de Woody Allen, em 1978, na qual faz o papel dele mesmo e explica a um professor que expunha as suas idéias que o sujeito não as havia compreendido.

<sup>2</sup> McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Decio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

<sup>3</sup> No momento em que escrevo essas linhas a imprensa noticia o lançamento dos primeiros leitores digitais nacionais, em padrão de qualidade semelhante ao *Kindle*, que até agora é a principal referência. Estima-se que em breve o preço final de um leitor digital não venha a ultrapassar um valor próximo a cem dólares. O *Ipad*, apesar de seu estrondoso sucesso comercial, não visa exclusivamente a função de leitor digital e está numa esfera de preços diferente.

McLuhan ficou conhecido por um slogan, “o meio é a mensagem”, com o qual queria sugerir que “toda nova tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo. Os ambientes não são envoltórios passivos, mas processos ativos.”<sup>2</sup> Os exemplos de tecnologia por ele discutidos foram os mais diversos, mas a atenção dos debates concentrou-se naqueles que diziam respeito às comunicações de massa e à transformação do mundo em uma “aldeia global”. Aquilo que hoje chamamos de “mundo digital” ainda não era relevante para a constituição dessa “aldeia global” pois não havia internet, 3G, GPS etc. Apesar disso, creio que uma releitura de McLuhan poderia ajudar na compreensão dos efeitos e possibilidades de um tema como o do livro no mundo digital. Afinal, os meios digitais representam uma nova tecnologia e, se McLuhan está correto, ela traz consigo mudanças de escalas, cadências e padrões nas coisas humanas.

O assunto não é fácil, no entanto. Quando perguntamos a um leitor voraz e apaixonado consumidor de livros as razões pelas quais ainda não aderiu a um desses leitores digitais,<sup>3</sup> não raramente ele nos apresentará uma pequena cena. Abrirá o livro que traz consigo, passará sua mão suavemente sobre a página aberta e depois aproximará o livro de seu nariz, enquanto nos diz que com uma dessas coisas digitais ele não pode fazer *isso*. Antes de fechá-lo com uma batida suave, o leitor, mais uma vez, vai passar a mão delicadamente sobre a bela capa do livro como se acariciasse o rosto de uma pessoa.

Esse pequeno teatro é familiar nessas conversas. Ele encena o livro como um objeto que vai além de sua função, cuja forma não se limita à sua finalidade aparente; numa palavra, o livro também pode ser um fetiche, um fantasma. E isso fica evidente quando nos detemos nas variadas formas pelas quais as pessoas se relacionam com seus livros: num gradiente que vai do possessivo que nunca empresta ou cede seus exemplares e que zelosamente não permite nele nenhuma marca, até o descuidado que risca e rabisca e empresta e não registra, há todo tipo e feitio. Uma pessoa pode se encantar por outra admirando a maneira como ela folheia um livro; o dedo indicador tateia suavemente o canto superior direito do livro em uma relação de cumplicidade com o polegar, enquanto o dedo médio aguarda o momento de ser convocado, um segundo antes dos demais, para suavemente tombar a folha como se ela fosse uma pétala que um artista quer reunir à outras. E o que dizer dos que dobram orelhas nos livros, que guardam coisas dentro, que grudam papezinhos com notas, rabiscam com marcadores e todo tipo de canetas? Quais mensagens cada um transmite sobre si mesmo e sobre o que é um livro?

O que é um livro?

Isso depende. Entre o manuscrito elaborado por escribas e copistas desde o século V até os impressos tipográficos, há mais tempo transcorrido do que de Gutenberg até nossos dias. Poderíamos assim pensar o livro impresso em papel mediante alguma forma de tipografia como uma invenção recente.<sup>4</sup> O que importa é pensar na pergunta: o livro é sua forma ou seu conteúdo e função? Os livros digitais, nessa perspectiva, representam mais um passo nessa caminhada desde os copistas e aqueles que usavam peles de carneiro para registrar posses e negócios. E o que não podemos deixar de ver nessa perspectiva é que o ato de ler não tem uma relação necessária com o papel; a relação entre leitura e papel é, por assim dizer, externa. Lemos o que está escrito em qualquer tipo de suporte e com qualquer meio; poemas na areia, recados no espelho escritos com pasta de dentes, palavras no céu, escritas com fumaça por um piloto habilidoso, ou cartas escritas com baton em guardanapos de pano. O papel é um meio entre outros. E aqueles que elogiam, na relação com o livro, as preliminares de tato e olfato, podem ser perfeitamente indiferentes ao texto. O fetiche do papel é, em relação à leitura, um acidente.

Posto isso, como ficamos em relação à possível contribuição de McLuhan a esse debate?

<sup>4</sup> Não se pode esquecer que a tipografia (de Gutenberg e de outros) tinha a finalidade comercial de concorrer com os copistas, oferecendo o produto mais rapidamente e a menor preço. É por essa razão que os caracteres tipográficos criados por Gutenberg em 1450 eram em estilo gótico, pois isso induzia o comprador a não ver diferença entre o impresso e o copiado, exceto no preço.

Quando as idéias de McLuhan foram resumidas à teorização sobre o mundo como uma aldeia global a partir da disponibilidade de meios eletrônicos de comunicação de massa, pensou-se mais no “global” do que na “aldeia” e ali, quem sabe, perdeu-se o que havia de mais original nos seus livros.

Para ele, a tecnologia mais radical de todas não foi a roda, a eletricidade, a eletrônica, a televisão ou mesmo a imprensa. O que mudou radicalmente a face da humanidade foi a invenção da escrita alfabética. Essa percepção de McLuhan para a aplicação de sua idéia principal atinge também o tema principal desta edição, “O lugar do papel”. Uma das formulações da tese de McLuhan é essa: “Não há *ceteris paribus*<sup>5</sup> no mundo dos meios e da tecnologia. Toda extensão ou aceleração imediatamente introduz novas configurações na situação geral”.<sup>6</sup> O papel, visto como tecnologia, é assim caracterizado: “Foi o papel, vindo da China e gradualmente abrindo caminho para a Europa, via Oriente Próximo, que provocou a firme aceleração da educação e do comércio a partir do século XI, fornecendo as bases para o ‘renascimento do século XII’...”. O leitor e eu podemos não simpatizar com essa forma um tanto despachada de identificação de fatores causais nos processos históricos. Mas vale a pena espiar mais de perto na tese do alfabeto como tecnologia para entender o espírito de McLuhan.

Ver o alfabeto como tecnologia não é uma idéia rara.<sup>7</sup> Um de seus principais formuladores é Eric Havelock, que a detalhou em *A Revolução da Escrita na Grécia*, publicado em 1982. As idéias principais do livro haviam sido antecipadas por Havelock em um livro anterior, *Prefácio a Platão*, de 1963. Entre um e outro, o que ele diz? Em grandes linhas, trata-se de que no período que vai desde a Grécia pré-homérica até Platão, consolida-se o surgimento do alfabeto fonético e, com isso, faz-se a transição entre uma cultura baseada na oralidade para uma cultura dependente da escrita. O alfabeto fonético é uma revolução sem precedente entre todas as tecnologias de escrita, pois “entre Homero e Platão, o método de armazenamento começou a se alterar quando as informações foram postas em alfabeto e, conseqüentemente, a visão suplantou a audição como o principal órgão destinado a esse objetivo.”<sup>8</sup> McLuhan, citando o livro de Havelock, vê nessa transição o passo decisivo para o que ele chama de “destribalização” da humanidade. Não é para menos. O alfabeto grego possibilitou a conversão de uma língua falada num artefato de armazenamento de informações ao correr da pena; essa nova tecnolo-

<sup>5</sup> “tudo o mais constante”, “mantidas inalteradas todas as outras coisas”.

<sup>6</sup> McLUHAN, M. *Op. cit.*, p. 210.

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, a exploração desse tema no livro de Jared Diamond, *Armas, Gênes e Aço*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

<sup>8</sup> HAVELOCK, Eric A. *Prefácio a Platão*. Tradução de Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papirus, 1996. A primeira edição do livro de Havelock é de 1963 e é citada por McLuhan como fonte de sua inspiração para a idéia do meio como mensagem. Essa inspiração de McLuhan na revolução causada pela escrita alfabética, a meu juízo, ficou um tanto obscurecida pelo interesse dos leitores nos efeitos da revolução eletrônica.

gia era tão simples que poderia ser dominada por uma criança; esse artefato possibilitava separar a fala de seu locutor, e com isso disponibilizá-la para exame posterior. A fala se transformava em “um artefato visível que podia ser preservado sem recurso à memória.”<sup>9</sup> O alfabeto fonético, essa “tecnologia do intelecto”, como foi chamada, uma vez estabilizado entre os gregos,<sup>10</sup> rapidamente transformou-se em “uma peça de tecnologia explosiva, revolucionária por seus efeitos na cultura humana, de uma maneira que nada tem de exatamente comum com qualquer outra invenção.”<sup>11</sup> Sem algo como a escrita alfabética, coisas como as ciências e filosofias não teriam surgido entre nós.<sup>12</sup>

Não há civilização sem que existam metodologias de armazenamento e transmissão de informações. A informação, obtida usualmente a custos de grandes esforços, deve ser preservada e transmitida aos nossos parceiros de trabalho e companheiros de convivências e às novas gerações. O sistema mínimo para realizar isso implica os mecanismos da memória e da linguagem proposicional combinados. A isso correspondem, nas sociedades tribais baseadas na oralidade e desprovidas de escrita, as interações pessoais nas quais os detentores de informações as repassam para a memória dos mais jovens e assim sucessivamente, numa cadeia causal. Grande parte da energia mental das pessoas é drenada pelo trabalho da memória, dependente do registro acústico.<sup>13</sup> O alfabeto disponibiliza um registro visual completo da fala. Os pronunciamentos ou sequências de pensamentos das pessoas não ficam mais dependentes da memorização; ao contrário, ficam disponíveis para a comunidade, registrados em algum artefato; o alfabeto possibilita o avanço do conhecimento humano para novos rumos porque facilita o registro no novo, do inesperado, do que não é familiar; na cultura oral, para haver facilidade de memorização, recorre-se a ritmos e rimas e repetições. Esse é o mote usado por McLuhan para fazer o contraponto entre sociedades orais, baseadas na audição, e as sociedades visuais, baseadas na escrita alfabética.

McLuhan insistiu, em toda a sua obra, na ideia de que as tecnologias produzem e produzirão mudanças *substanciais* em muitos aspectos de nossas vidas; novos meios são capazes de nos transformar e não podem ser vistos como recipientes neutros para as mesmas mensagens. Como ficariam as mudanças trazidas pelos meios digitais? O assunto, como se sabe, é inesgotável. Especula-se hoje, por exemplo, sobre possíveis mudanças para pior no processo de socialização das crianças, se elas continuarem a diminuir o número

<sup>9</sup> HAVELOCK, Eric. *A Revolução da Escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. Tradução de Ordep José Serra. São Paulo: UNESP e Paz e Terra, 1996. p. 16.

<sup>10</sup> O alfabeto foi uma tecnologia do intelecto, a mais radical de todas, no sentido em que está na raiz. A expressão “tecnologia do intelecto” é de Jack Goody, no livro *The Domestication of the Savage Mind*, citado por Havelock.

<sup>11</sup> HAVELOCK, E. *A Revolução da Escrita... Op. cit.*, p. 14. Não cabe aqui entrar nos detalhes dessa superioridade da escrita alfabética sobre as demais. O leitor interessado deve recorrer ao livro de Havelock ou mesmo ao capítulo 12 do livro de Jared Diamond.

<sup>12</sup> Aqui, “escrita alfabética” é uma expressão que está sendo usada em contraste com escrita pictográfica, cuneiforme, hieroglífica, entre outras. Nenhuma dessas tem a economia e a simplicidade da primeira, que pode ser aprendida por uma criança de seis anos, enquanto que as demais eram circunscritas aos perito-letrados.

<sup>13</sup> Mais de um estudioso do tema flertou com a ideia de que o fato de Homero ser apresentado como cego pode não ser apenas uma casualidade.

de horas de interação face-a-face, substituídas pelas telinhas. No que diz respeito ao livro, penso que o papel do papel vai ser cada vez um tanto menor e especial. Cada vez mais o material escrito de natureza descartável – o livro didático, o jornal, a revista, catálogos, etc. – vai migrar para as tabuinhas digitais; restará ao livro impresso um papel de artigo nobre, no qual viverá uma boa e digna vida. A celulose será prêmio para quem o mereça.

<sup>14</sup> *Fahrenheit 451*, de 1966, dirigido por François Truffaut, e baseado em novela de Ray Bradbury.

No filme *Fahrenheit*,<sup>14</sup> os dirigentes de uma sociedade do futuro decidem queimar todos os livros, por uma razão parecida com aquela aventada por Platão, na *República*, para expulsar os poetas: os livros encaminham a imaginação humana para rumos incontroláveis pelos governantes. Por essa razão é criada uma brigada de bombeiros cuja finalidade não é apagar o fogo, mas incendiar os livros ainda escondidos pelas pessoas. A luta política dos dissidentes do regime consiste em transformar-se, cada um, em um homem-livro. Cada resistente memoriza um livro. Cada homem-livro armazena um texto em sua memória. Quando queremos *ouvir* um livro precisamos encontrar aquela pessoa, pedir a ela que nos recite o texto, o que fará da escuta do livro um ato de comunhão humana. Ouviremos os livros em grupos, ouviremos os textos com a nossa imaginação atizada pelos tons dados pelo narrador, com as nuances de sua voz. Podemos ver em *Fahrenheit* uma volta ao tribalismo provocada pelo retorno à oralidade, agora mediada pela memória da cultura que um dia foi escrita. O sonho desses dissidentes é ver o dia em que cada homem-livro poderá ditar seu texto para um linotipista, para que sua memória se converta em papel impresso. Mas, para aquilo que nos importa, a saber, a preservação dos tesouros da imaginação humana, qual seria a diferença se cada homem-livro depositasse seu texto em uma tabuleta digital?

Ronai Pires da Rocha é filósofo e professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria.  
ronairocha@gmail.com